

Suplemento Cultural

Breve histórico da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras

RUBENIO MARCELO – poeta/escritor, membro e secretário-geral da ASL

Nascida à sombra de uma árvore, em Campo Grande – fundada pelos escritores Ulisses Serra, José Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Souza, no dia 30 de outubro de 1971 – a casa literária surgiu com o nome de Academia de Letras e História de Campo Grande.

É de conhecimento que (após sucessivas reuniões, análises e consultas) foi definida e aprovada – na data de 13 de novembro de 1971 – a relação original dos nomes a compor o sodalício, ou seja: Ulisses Serra, Germano Barros de Souza, José Couto Vieira Pontes, J. Barbosa Rodrigues, Otávio Gonçalves Gomes, Júlio Alfredo Guimarães, Hugo Pereira do Vale, Antônio Lopes Lins, Jorge Antonio Siufi, Abel Freire de Aragão, Inah Machado Metelo, Maria da Glória Sá Rosa, Henedina Hugo Rodrigues, Oliva Enciso, Demosthenes Martins, Paulo Coelho Machado, Luiz Alexandre de Oliveira, Mariano Cebalho, Ângelo Venturelli, Alcindo Figueiredo, Félix Zavattaro, José Manoel Fontanillas Fragelli, Luiz Sá Carvalho, Licurgo de Oliveira Bastos e Rui Garcia Dias. Estes foram os pioneiros da Academia.

A instalação oficial da Academia se deu numa ‘sexta-feira 13’ (noite de 13 de outubro de 1972) no Hotel Campo Grande. A ausência mais sentida por todos, nesta solenidade, foi exatamente a de Ulisses Serra: o principal idealizador da entidade falecera a 30 de junho de 1972. O evento contou com presenças de inúmeras autoridades, inclusive representantes de academias, como os escritores Ivan Lins



(FOTO: RACHID WAQUED)

NOVA SEDE DA ASL, templo mor e definitivo da nossa Literatura, que será inaugurado na noite do próximo 25 de agosto/2017.

(da ABL) e Hernani Donato (da Academia Paulista de Letras). Consta que Donato, na ocasião, assim afirmou (em discurso): “Esta Academia vem para afirmar-se, destruindo alguns tabus. Pois ela tem o atrevimento de instalar-se numa sexta-feira, dia treze, ostentando o talento de quatro mulheres, excepcionalmente bem dotadas para o ofício literário”. Consta também nos registros históricos acadêmicos que esta denominação (Academia de Letras e História de Campo Grande) predominou até o final do mês de dezembro de 1978, quando em assembleia geral, às vésperas da instalação da nova unidade da Federação (MS), que se daria no dia 1º de janeiro/1979, a instituição foi transformada em

“

Com 40 Cadeiras, aos moldes da ABL, a ASL registra ao longo da sua existência uma história marcante voltada para a defesa do vernáculo e o cultivo da arte literária, zelando e incentivando todas as derivações da cultura nacional e estadual.”

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras.

Com 40 Cadeiras, aos moldes da ABL, a ASL registra ao longo da sua existência uma história marcante voltada para a defesa do vernáculo e o cultivo da arte literária, zelando e incentivando todas as derivações da cultura nacional e estadual. Foi sediada por muitos anos na Rua Rui Barbosa nº 2.624, em casa doada pelo acadêmico Luiz Alexandre de Oliveira.

Na manhã do dia 14/12/2011, com a presença de acadêmicos e autoridades, houve o lançamento da *Pedra Fundamental* da nova sede da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (Rua 14 de Julho nº 4.715 - Campo Grande/MS, em terreno da entidade) – obra/construção que teve início em 2014 e que será inaugu-

rada daqui a vinte dias (na próxima noite de 25/08). Parabéns, ASL – viva sempre a nossa querida ‘Casa de Ulisses’. A ela dediquei, logo após tomar posse (em 27/09/2002), este soneto a seguir:

Meu Tributo à Academia

(Rubenio Marcelo)

Foi numa sexta-feira, vinte e sete,
Ano dois mil e dois, mês de setembro.
Inesquecível noite... Não deslembro:
Eu e minha emoção, num tête-à-tête.

Rejubilado, ouvi a grã claquete
Do Sodalicío que me dava assento.
E logo, em fraternal acolhimento,
Eu fui saudado pelo egrégio escrete.

Em seguida, e contendo a emoção,
Solenemente, alcei minha oração
Perante o silogeu em sãos auspícios...

– Tenho poucos amores nesta vida.
E esta Casa de Ulisses consolida
Um destes meus amores vitalícios!

Academia Sul-Mato-Grossense de Letras (prestes a comemorar 46 anos de trabalho e de glórias)

JOSÉ DO COUTO VIEIRA PONTES

Se o tempo é fugaz, como muitos afirmam, a verdade é que não se pode desconhecer que o passado é o presente eterno. Assim sendo, fiel a esse conceito, encontram-se os membros da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras diante do mesmo altar da sabedoria, elevando ao alto, com amor e fé, os cânticos de gratidão, pela bondade divina, que nos permite comemorar mais um ano de vida de nosso querido areópago.

Com efeito, nascida em 30 de outubro de 1971, enriquecida ao longo dos anos pelo ideal de lumináres das letras, como Ulisses Serra, Germano Barros de Souza, e outros, a ASL se agiganta, no passar dos anos, com a realização de eventos memoráveis, a adesão de novos valores, a publicação de livros substanciais, mormente a respeito de nossa região, em prosa e verso, honrando a memória dos gregos e romanos, que edificaram a nossa cultura.

Agrada-me sempre dizer esta verdade: “Um povo sem Literatura não é considerado civilização.” E repetir constantemente as palavras do grande André Malraux: “A Literatura é a honra da humanidade”.

Logo em seguida à sua constituição, com a ad-

missão de valores autênticos de nossas letras, nossa Academia, pelo seu fértil trabalho, ganhou fama nacional, sendo elogiada por renomadas personalidades, como Ivan Lins, Austregésilo de Ataíde, Hernani Donato, Afrânio Peixoto, Ledo Ivo, Lígia Fagundes Teles, Henrique L. Alves, Benedicto Luz e Silva, e outros, muitos deles visitando Campo Grande.

Como na Grécia Antiga, nossa Academia nasceu em meio ao esplendor da natureza, entre folhas, flores e ramagens, na *chácara Gisele*, de Ulisses Serra, na estrada que demanda São Paulo, a 10 km da capital, como a simbolizar verdadeiro amor e culto à preservação ambiental, hoje uma verdadeira oração à *mater natura*.

Inumeráveis são as lembranças da infância de nosso sodalício. Lembro-me de que, em sua primeira visita a Campo Grande, já eleito como ocupante da cadeira nº 1, o escritor Hernani Donato disse, encantado com a beleza da *Cidade Morena*: - Quero conhecer o prefeito desta formosa urbe. Apresentado ao (então) dinâmico prefeito Lúdio Coelho, constituiu um encontro inesquecível, ao qual estava presente a maioria de nossos acadêmicos da época. Necessário se torna destacar que Lúdio foi sempre um amigo, admirador e incentivador da nossa obra acadêmica, sempre lhe ofere-

cendo todo o apoio necessário e participando de nossos empreendimentos e solenidades.

Numa das nossas Revistas da ASL, a confrreira Maria da Glória Sá Rosa, grande mestra e cultora das letras, afirmou: “Ao saudar a Academia Sul-Mato-Grossense de Letras, presto inicialmente minhas homenagens aos fundadores Ulisses Serra, José do Couto Vieira Pontes e Germano Barros de Souza, que acreditaram no sonho e fizeram dele sua arma de conquista e resistência ao tempo. Saúdo todos os que ajudaram e ajudam a construir o discurso, que a mantém viva, tecendo ponto por ponto a teia de ideias e emoções de que é feita a literatura deste estado”.

No dealbar de suas atividades, a Academia criou as Edições Acadêmicas e iniciou a série “Discursos Acadêmicos”. Instituiu o *Concurso de Contos Ulisses Serra*, até hoje promovido, revelando novos valores no âmbito das Letras. Promoveu vários cursos e o programa cultural “A Academia nas Escolas”, este na gestão de Elpídio Reis.

Parabéns, Academia Sul-Mato-Grossense de Letras! A Literatura é eterna. Com o mesmo interesse e emoção com que lemos um verso de Drummond ou Fernando Pessoa, também o fazemos com o estro majestoso de Virgílio, que encanta o mais exigente dos leitores, há dois mil anos.

COLEGAS

JORGE ANTONIO SIUFI

Antonio Silvério Lima, professor da rede estadual de ensino, cinquentão, bem apessoado, estava dando uma volta em seu quarteirão para, segundo ele, esfriar a cabeça, quando de repente surgiu por detrás de um poste um indivíduo, armado com um revólver deste tamanho, escondendo parte do rosto com um lenço, a la zorro tupiniquim, e lhe gritou:

- Mãos ao alto. Isto é um assalto!
O professor quedou-se entre surpresa e medo. Levantou as mãos, como determinou o assaltante. Não conseguiu dizer nada. Tentou falar, mas nem balbuciou. Estava petrificado.

Passe-me todo seu dinheiro, cidadão. (A voz do assaltante era trêmula).

O professor tentou uma investida, eis que sentiu que a sua voz poderia sair.

Sabe, meu amigo...

Foi interceptado pelo assaltante, que lhe disse:

Não sou seu amigo, cidadão. Sou um assaltante e não tente me iludir, ou tisanar o meu intento, que é o de coletar o que você tem no seu bolso.

Mas é justamente isto que estou tentando lhe dizer. Sabe, eu sou um professor que está sem receber o seu salário há quatro meses e vejo que o senhor é um

homem de boa educação, pois me chamou de cidadão e usa expressões tais como iludir, tisanar, coletar, tão impróprias de um assaltante... e justamente nesta noite, eu resolvi sair para espárecer um pouco, para esquecer meus problemas, minhas dívidas com o açougue, com a farmácia, com a padaria, com o Seu Manoel lá da mercearia e tantos outros, e me acontece mais esta desgraça, com um assalto? O senhor quer levar minha vida? É tudo que tenho, no momento. Veja que nem relógio possuo mais; está empenhado na Caixa e...

Chega, chega, chega! - gritou o assaltante. - Pode abaixar suas mãos, pois sou seu colega. Eu também sou professor de rede estadual de ensino e, no desespero, tomei esta arma de meu pai sem que ele visse – e resolvi praticar este ato hediondo, mas já antevia um insucesso, pois não nasci para isto. Anda, dê-me cá um abraço.

E os dois se abraçaram.

E saíram caminhando rua abaixo, com o assaltante já de rosto descoberto, querendo saber onde o colega lecionava, etc., quantos filhos tinha, trocando informações para o surgimento de uma nova amizade haurida no sofrimento e na dor e até no desespero.

- Mas, olhe, vou lhe confidenciar uma coisa, meu bom colega assaltante - sapecou o professor -, quase urinei na calça, no momento em que você me apontou aquela arma horrósa...

Nada substitui o Livro

MARIA DA GLÓRIA SÁ ROSA

O livro é o objeto mágico indispensável às mudanças em todos os setores da vida humana, especialmente às transformações, que só a educação sabe provocar. Sempre que lemos, personagens e paisagens se materializam em nossas mentes, sonhos e desejos são reconstruídos pela força da memória, história pessoal e sensibilidade.

Enquanto deslizamos pelas veredas da leitura, nossa mente e percepções trabalham com grande rapidez e concentração. Daí a importância da leitura na formação da mentalidade dos estudantes.

A literatura é a máquina, que armazena o mundo de signos, que acreditamos terem sido escritos para nós e que nos ajudam a sermos melhores. Pela capacidade de estimular a metalinguagem, recria formas que, mesmo sem fazerem sentido, são detentoras de aspectos ligados à beleza, à liberdade, enfim à poesia, que edifica a alma, e ao conhecimento, que enriquece a mente.

Precioso veículo para a descoberta de valores profundos da realidade humana, dá asas ao espírito crítico, motor das mudanças históricas, responsáveis pela presença da liberdade, da prosperidade e da justiça.

As palavras são alimento, espaço de sobrevivência em sociedades anestesiadas por produtos eletrônicos. A poesia quebra paradigmas, elabora seus códigos, inventa sua realidade única e insubstituível. A prosa tem seus próprios esquemas, necessita de mensageiros vivos, que possam dar novo ardor a passagens áridas. Ambas se encontram vivas na literatura, nos sonhos e na sabedoria dos criadores de obras literárias.

Aos Professores, diante do reino das descobertas, cabe arrebatar e conduzir os alunos com clareza e entusiasmo ao mundo das ideias mais difíceis e impenetráveis.

A função da literatura mais que persuadir é provocar. O lugar do escritor, quer ele trabalhe numa biblioteca, numa cabana ou numa “lan house” é recriar a vida, é sustentar sua escrita.

A linguagem não surgiu no homem. O homem surgiu com a palavra.

POESIAS

A ULISSES SERRA

(Fundador da Academia Sul-Mato-Grossense de Letras)

Morreste *alhures*, imortal Ulisses,
Serra que ascende ao páramo infinito!...
Mas não um exilado e um proscrito
De si mesmo, pois levas as meiguices

Da gente tua a amar-te qual um mito,
Te acompanhando em pensamento e preces...
Da tua casa, porém, longe adormeces
Sem dela *ouvir* o coração bendito!

Partiste para a glória celestial...
Mas, na saudade, nos preenche Deus
O vão que tua ausência propicia:

A Casa que fundaste é o nosso Graal,
Nos guiam sempre os sábios passos teus,

Teu coração é a própria Academia!

GERALDO RAMON PEREIRA

SÓ A LEMBRANÇA CURA...

Está entardecendo
a minha louira existência...
Nas folhas de outono
dos meus dias bem vívidos
tropeço com frequência,
chegando aos meus ouvidos
um grito sonolento, em abono
de que já estou me envelhecendo...

Juventude de amores,
como todos:
passatempos, ilusões, patriotismo,
parodiei um samba, fiz poesia...
Ternos engodos,
que enchem uma alma vazia,
buscaram com fanatismo,

no infinito, os meus olhos sonhadores.

LEAL DE QUEIROZ